



ACME







JOSÉ DE SOUSA XAVIER

ACME





Copyright© 2009 by José de Sousa Xavier
Direitos em Língua Portuguesa reservados ao autor através da
QUÁRTICA® EDITORA.

Arte Final de Capa
Teresa Akil

Revisão
Emanuel Machado

Editoração
Quártica Editora

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

X19a

Xavier, José de Sousa
ACME / José de Sousa Xavier. - Rio de Janeiro : Litteris Ed.:
Quártica, 2009
80p. :

ISBN 978-85-7801-126-0

1. Poesia brasileira. I. Título.

09-5069.

CDD - 869.91

CDU - 821.134.3(81)-1

QUÁRTICA® EDITORA

CNPJ 32.067.910/0001-88 - Insc. Estadual 83.581.948
Av. Presidente Vargas, 962 sala 1411- Centro
20071-002 - Rio de Janeiro - RJ
Caixa Postal 150 - 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: 2223-0030/ 2263-3141
site: www.litteris.com.br





A Deus, meus pais,
minha esposa e filhos e amigos.







ÍNDICE

ACME,	9
ADULTÉRIO,	10
ARREPENDIMENTO,	11
DISSIMULAR,	12
DIVÓRCIO,	13
EXISTÊNCIA,	14
VELHICE,	16
ÊXTASE,	17
MEDITAÇÃO,	19
REGRESSO,	20
FIRE WALL,	21
AGONIA,	23
TÓRPIDO,	24
PIADA,	25
SEGREDOS,	26
INTIMIDADES,	27
COMPULSAÇÃO,	28
ARTIFICIAL,	29
CAVERNAS,	30
GARANTIAS,	31
NÃO HÁ DEDOS QUE CONTEM,	32
NARCISO,	33
ABSTINÊNCIA,	34
TEATRO,	35
CIÚMES,	36
POLUÇÕES,	37
PROGRAMA,	38
OÁSIS,	39
DÉJÀ VU,	40
COMO O VENTO,	41
DESPEDIDA,	43



CONVENÇÕES PORNÔS, 44
DELINEAR-SE, 45
 MISSÃO, 46
 TEOREMA, 47
 RECLAMO, 48
COMPOSTELA, 49
EVIDÊNCIA, 50
 PALATINO, 51
 CASTELO, 52
PRELIMINARES, 53
 POÉROS, 54
TANTO QUE FAÇO PARA TE ENCONTRAR, 55
 PLENITUDE, 56
 LOUCURA, 57
EU ERA BARRO, 58
 FANTASIA, 59
 SÍSTOLE, 60
PONTA NO DEDO, 61
 SÍNDROME, 62
 VISCERAL, 63
 FIO DENTAL, 64
A ANATOMIA DA BUSCA, 65
MEMÓRIA GUSTATIVA, 67
 CACIMBA, 68
 ONAM, 69
 ARTIFICIAL, 70
 DEVASSAR, 71
 CARNIFICINA, 72
 ME AFAGAS, 73
SEXO TÂNTRICO, 74
QUANDO, NO SILÊNCIO INÚTIL, 75
 IMPRESSÃO, 76





ACME

Visionário cavaleiro andante da Andaluzia ao Cariri:
espada flamejante, punho em cabo,
Cabul é perto e tão quente (pavio inapagável),
Casablanca, doce berço (espera interminável)
— promessa de se viver o inimaginável;
cavalo em riste, amazona o cavalgará ardendo:
famintas ancas de uma onça que vocifera, reza ou devora,
mas sangrará delirantemente profanada em seu mosteiro,
onde ele a possuirá com orgias orgásticas e cânticos
— visões e delírios sobre a brancura impura dos mantos,
de onde ressuscitará puramente mais mulher,
pronta para o fascínio e mistério da sedução,
ecoando cantos de dentro das curvas das conchas,
onde uma pérola negra o atrairá aos campos elísios
no vértice de suas coxas, que o sugarão ao paraíso.





ADULTÉRIO

— Com que mistérios despertarás pra me beijar amanhã?
São esses tantos, entre tantas desconfianças escondidas,
que, sem respostas, me perseguem o pensamento nesse afã
de buscar redescobrir-te mais viva e menos dividida,
enquanto és, mesmo, o que não achei que eras, a vida toda afora:
acaso, fim de chuva fina, sol pardo se erguendo no fim da aurora,
perguntas soltas, alguma coisa que, se não me decifra,
se entrega toda ao que prescrevo quando algo te devora,
sendo uma música estranha feita por quem te toca a cítara,
a qual jamais ouvi, mas a lembro qual algo esquecido vindo
sem nunca antes, com certeza, em mim, resistindo,
ressuscitar a paisagem clara da sala que me traz você de longe,
em que te entregas, toda nua (na volúpia sem razão de pertencer),
a tantos quantos quando teu corpo sente e não sabe donde
a mão, não minha, que te afaga a flor trará o teu prazer
enquanto o feijão que me serves esfria na panela quente.





ARREPENDIMENTO

Cerrei a porta atrás de mim.
Ficaram jantar, almoço, café,
braço, boca, cabeça, mulher.

Aprisionei-me no teu útero,
e as várias formas de me libertar
são asas inúteis derribadas.

Ao abrires as pernas,
anos tantos após,
eu me dissolvera,
e, o que ficou,
nem o gozo
pode rejuntar.

E, assim, vivo:
perambulando
entre o que perdi
e o que não impedi.



DISSIMULAR

No centro de mim
— praça repleta de rostos ansiosos —,
remoem-se teus cabelos,
que leem os segredos dos meus pelos;

teus lábios me transportam
ao interior da Caxemira:
extravasamento prenunciado
reclama tua saliva
— oceano que me ilha
com teu idioma entalado,
que decifro há anos.

Meu ventre,
expondo minhas fronteiras às tuas armas,
me transforma na bomba-relógio
que não me explode,
mas escreve meu epitáfio
como você gostaria que fosse
quando finge uma morte eterna,
me implodindo comigo encravado entre os dentes.





DIVÓRCIO

Vamos dividir as coisas,
dividir os lucros adquiridos;
a casa hipotecada, repartir.

Vamos dividir as crianças,
dividir as mãos, antes, atadas;
os corpos já separados, afastar.

Vamos dividir os lençóis,
dividir os trapos já dilacerados;
as digitais, há tanto, lidas, extinguir.

Vamos dividir o silêncio,
dividir a fidelidade prometida;
os segredos tão bem praticados, calar.

Vamos nos dividir sem recidivas,
nos dividir cada um em sua ilha;
as fotografias nas quais fruímos, rasgar.

Mas, ao menos, me deixe a dor
para eu poder senti-la
depois dessa partilha.





EXISTÊNCIA

Por sermos pornograficamente doces num poema próximo
[ao perfeito,
reunidos em química, mecânica: matéria que parece sem defeito,
é que continuamos inacabados, mesmo enquanto inertes, inúteis
e sem estâncias estanques para pousar, embora tanto tenhamos
[vivido;

por sermos romance escrito com coerentes capítulos incertos
[de finais incompletos,
em que a mão de algum insistente escritor nos deixa vazios
[ou repletos,
é que não capitulamos no coerente modo contínuo de sermos
[destino sem fim
e não passamos de personagens perenes, apesar da carne que
[sempre parte;

por sermos filhos da mão de quem não sabe se nos escreveu
[em prosa ou em verso
e nos guardou em seus cadernos, papiros, pergaminhos,
[tábuas, livros, universo...,
é que não vemos o diagnóstico nem o prognóstico agnóstico
[para a cura dos labirintos,
que nos prescrevemos rotina a rotina, enquanto não somos a
[obra que queríamos;

por não sermos aquele que nos compôs no seu deleite de ter
[qualquer coisa criada





como complexos computadores com programas e senhas
[criptografadas,
é que nos tornamos hackers para que ele não nos decifre
ou nos delete (no seu deleite) antes do backup de nossas
[realizações plenas;

por sermos enigmas de nós mesmos, incerteza da origem,
pó de galáxias, vácuo ilimitado, nebulosas de fuligem...,
é que permanecemos, feitura ou feitor, cheios de mistérios eternos,
para que não sejamos projetos abortados ou órfãos derrotados;

e, por sermos o que não somos quando, em êxtase, queimando
[em pavio,
ainda que a jura de amor tenha adormecido em barris e
[apodrecido em silêncio,
é que somos, mesmo, o que sempre seremos — embora sem
[querermos:
procriadores, eternos fugitivos da frígida e fugidia forma de
[viver.





VELHICE

Sempre acreditei nas vidas que não existiam em outros planetas,
resquícios de plantas viajando em cometas,
almas em pessoas que sobrevivem na lama torpe da sarjeta...

Sempre acreditei em micróbios, gases, carbono prenunciando
[o que move por si só,
nada comparado aos ácidos de tecidos se macerando no solo,
prenunciando vegetais estarecidos ao vento em surdo alarido.

Sempre acreditei nas vidas encenadas em novelas, telas, livros,
[lindos contos infantis...
— personagens fantásticos, romanceados imortal e eternamente,
cotidianos estritos a eles na essência de ser e arraigados à
[minha inexistência real.

Sempre acreditei nas vidas que quero ressuscitem e habitem
[cômodos sob o mesmo teto refeito:
guardada minha, anos após anos, consumidos, rotineiramente,
[em hábitos meles, diuturnamente,
antes das nossas anatomias evoluídas idas destino afora: modo
[urgente, sobrevivência arquitetada, tão sonhada antigamente.

Sempre acreditei nas vidas nossas, mimetismos se adequando
[a nós
enquanto o tempo e a ausência não nos consumissem a
[capacidade de ressuscitarmos
a lembrança justa de orgasmos múltiplos com quem não
[parte, ainda que se ausente em voz.





ÊXTASE

Estamos, ardentemente, chegando a um passo da eternidade.
Aproxima-se ansiosa vontade de mantermos o mundo entre
[as coxas.

Sendo eu a tua existência, sou teu Universo agora,
constelação de Órion refluindo luz
(que me apresso em reter quando, pelo teu corpo, se emana),
complexas sensações, Vesúvio em chamas...
enquanto clamas camas de cetim me queimando a pele,
onde, deslizando esguia, circunavegas meus portos.

Oásis, vemos, ao longe, se despindo da areia tempestuosa.

Minha bandeira hasteada se retesa em entranhas tuas,
e me sugas um vácuo imenso que cresce, e dentro de nós
[não cabe em sua medida.
São as nossas necessidades além de nós que não cabem em
[lugar nenhum.

Finitos, somos, mas não vemos nada maior do que o
[tamanho do cosmo que somos.
Gammas de planetas e cometas errantes imensos não são tão
[como os nossos
gametas procriando em renovo enlevo e relevo dos nossos “eu”.





Maior não há nada que viva sem a plenitude que, amiúde,
[completa os seres;
por isso, somos essencialmente sem limites quando
[atingimos o cume do lume juntos
enquanto todos os astros nos esquecem no exato momento
em que nos deglutimos como matéria ardente.





MEDITAÇÃO

É dentro de mim que volto a existir;
meu corpo se despede lá de fora,
e nada sobra enquanto o pensamento
— essa nave sideral —
medita e me dita a medida
do que posso possuir ao beber sua bebida.

Quem dera seu porre perene pudesse
me preencher como o pão que me sacia e,
além do meu ventre, nada me preenchesse
enquanto eu me arremessasse tanto
adentro profundamente quanto quero,
para perceber meus prazerosos arco-íris imensos
colorindo os dentes, a língua, a saliva,
com que tento me transportar .

Tão profundamente a eclodir,
feito semente consumindo o que invento,
a saudade não me alenta
(tão imensamente) nesse afã
de ver você sobreviver dentro de mim
e consumir, com fogo ardente, nosso divã.





REGRESSO

E, aí, falamos tanto,
nos contamos tanto,
catamos tantas coisas:
todas tão distantes,
compactadas em tantos cantos...

E, aí, debulhamos tantos anos
nos corpos vertidos,
nas vontades escondidas,
nas semanas distantes...

E, aí, rimos tanto
de tanto que contamos,
que acabamos
gemendo tanto...

E, quando gozar era tanto,
para nos devolver o encanto,
por tanta distância soletrada num canto,
findou-se o instante em que transávamos:

nossa criança, sobressaltando,
acordou aos prantos,
reclamando tanto
o meu recanto
no teu colo...





FIRE WALL

Namorei Maria,
Marluce, Luzia,
Marta, Marlúcia:
todas, minhas manias.

Cada uma fazia,
comigo, o que queria,
pois eram ilusionistas.

Sumiam,
apareciam
quando queriam.

Um dia,
Maria
me presenteou
um buquê virtual,
que não durou
mais que uma janela.

Marluce
me deixou na mão
em plena conexão.

Marta durou tanto,
até o dia em que travou
e me deletou.



Marlúcia tornou-se amiga
e me suportou
enquanto o bate-papo
durou.

Mas, me vinguei em Joana:
abandonei-a na cama,
na mão, coitadinha!
Pretexto: a camisinha.





AGONIA

Chega uma hora
em que,
se nosso paraíso demora,
necessitamos reinventá-lo,
curá-lo.

E eu o delongo.

Se se estagna,
estia-se
na persistência como a de quem chora,
e as estrelas se vão embora
intactas.

E eu minto.

Finjo,
mas não flutuo,
pois quem me devora
só me salva
se lhe sorvo.



TÓRPIDO

Se, ao cair a tarde, eu não tiver me reinventado,
reiniciado, amado, expurgado o que há de ruim,
estarei lutando contra mim e minha aspereza na frieza.

Não encontrarei praças que me orientem a direção,
enquanto minhas mãos não amarem os corpos
nem as almas vertidas e estendidas em revistas,
porque as que não estão lá permanecem refém de outrem,
caindo em plena luz do dia, enquanto não as amarem com prazer
e meus fuzis não me renunciarem o que preciso saber
além do muro que me despe e não mostra nada,
por não haver o que olhar além de sua argamassa rota,
construída com incertezas de concretas farsas nuas,
expostas, porém inteligíveis, enquanto olhos nus
não vestirem suas roupas de misericórdia e renúncia
para entregarem-se ao amor a qualquer paga e crença.

Se, quando cair a tarde sobre mim e depois de tudo isso,
ainda assim, eu não tiver amado, ao menos, um corpo,
como necessito para poder me redimir e justificar
contra a lírica incongruência que me amarga a violência
de não poder guardar nem suportar, no peito, um eito
que aponte para uma vitrine em que me vejo desarmado,
desnudo de tudo que preciso para amar a quem quero
ou como o destino que almejo manda-me esteja sem máscara,
latentemente, embora descortinado até o dia em que,
por necessidade, eu precisar amar de verdade a quem quero,
me derramarei em sêmen sobre cada cidade aonde eu for.

24





PIADA

Meus deuses são tão mortais,
que assumi minha divindade,
enviando-lhes cartões postais
(e manuscrevendo poemas sensuais)
da favela em que coabito.





SEGREDOS

Não fecharei minhas janelas,
enquanto, na vitrine,
a vizinha do meu eterno deleite,
bela, estiver por lá.

Não destruirei meu prazer
nem nossa tela de orgias.





INTIMIDADES

Deixa vir a mim as tuas confissões;
eu as transformarei nos segredos
dos secretos corpos nus enigmáticos,
que guardarei em poemas eróticos.





COMPULSAÇÃO

Fecho os meus olhos.

O mundo que, em si, cabia
não preenche mais tanto
o que há dentro deles.

Por isso, prefiro ser cego
e só te penetrar pelo ego.





ARTIFICIAL

Quem não serve para criar
servirá para coabitar,
com o intuito frio de procriar
na proveta em que se enxertará.





CAVERNAS

Quando me trafegas sobre a carne,
ofegas como um “não sei”;
e o que pouco conheço
no anseio de tuas entranhas
me estimula a descrer
escuridões desconhecidas,
mas te prefiro oculta e estranha
quando me sugas pelo falo,
e eu, visionado cão farejador,
degusto o ventre sob o pelo farto.





GARANTIAS

Na minha impressora,
aquilo que fora,
agora,
esmaece, clareando-se.

Aquela repleção de cores
inchando seus circuitos
permite-se à troca.

Quem dera tivéssemos tal luxo:
trocaríamos os nossos cartuchos.





Não há dedos que contem
a idade que contém
as profundezas que você tem.





NARCISO

Seus olhos,
perante os pelos
no espelho,
reclamam a inocência
nua da fotografia.





ABSTINÊNCIA

Minhas artérias estão limpas,
minhas mãos, não sei — ímpias;
minha consciência permanece seca,
mas, nas minhas unhas, ressecam-se
a pele do nosso último combate
e a última das sístoles que me roubaste.





TEATRO

Por tão pouco, não te conheci
quando nem todas as mentiras
necessitaram ser sussurradas na cena.

Cerraram-me as cortinas após o ato,
e desatei, sem dúvida, uma pessoa
muito além de ser encenada.





CIÚMES

Enquanto tua ferida não se cura,
evoco, no remédio, a sutura
para as bordas dos teus lábios,
para que não te firas pelos fios
de outras espadas durante o cio.





POLUÇÕES

De amarelo lento, tinge-se a tarde que cai...
Coqueiro dança no teu canteiro,
grama assiste ao meu deleite...

Deixo-te, na boca nua de anágua,
um pouco de leite, um pouco d'água...

A saudade, secura ardente que me invade,
vertente úmida sob os teus cabelos
(pubianos),
ainda me apunhala a ponta da língua.





PROGRAMA

Meu sêmen: miragem repousando numa proveta,
quando lasso me lanço branco sobre ti;
os lençóis me cobrem, e, então, te ouço...
Sussurras tão baixinho, que, silente, sou todo algazarra.
Um colírio espesso, gêiser se expulsando de mim,
unta-me a cabeça vulcânica e carmesim,
quase me cega e se apossa de minha convulsão.
Impulsionando meu clímax solitário diante do polo sul,
que repousa no centro da geleira que és nesta cama,
ainda te agarras e me tocas o rochedo petrificado,
que, úmido, branco, ensacado, murcha-se
enquanto esqueço o dinheiro que escorrerá do meu suor
e escorregará em tuas mãos ainda sujas por minhas células.





OÁSIS

Depois de não mais existir
o que percebi
ao repassar
meu repensar
numa roda gigante
te remoendo os lábios,
insisto em ressurgir
na paisagem viva dos teus quadris,
em cujo rio espesso, bem no meio,
me afoguei mente e face,
mas, até hoje, não consigo sucumbir.





DÉJÀ VU

Há séculos,
nada acontece sob meus lençóis,
sobretudo, eu, quando vejo os desejos
de um funeral,
recheado de cortejos,
repetirem-se num lampejo,
sem deixar, sequer, um beijo.





Como o vento,
com um intento do verso no ventre,
que, inda há pouco, coabitou com a minha mente,
reverberando e sussurrando repetitivamente: — não me
[esqueça],
rompi a porta de casa, sentei à mesa, preparei a folha em branco,
armei-me com protótipos de estrofes pré-fabricadas
— eretos membro e mente perante teu corpo exposto.

Atônito, quase me praguejei, quase caí no pranto, quase caí
[do banco:

o verso fugiu ileso.

Vazio, rasguei-me em bandas,
na flacidez da minha cabeça pensante;
um lado reclamou do outro,
e brigamos horas a fio.

No fim, sobre os corpos dos feridos desalmados,
papel dilacerado em duas formas mais vazias que uma,
ponderamos e perdemos o motivo da guerra,
e, para não morrermos mais,
celebramos um tratado forçado de paz.

Juntei-me, num só, do que me restou,
olhei-me no espelho
e me vi poesia,





porém imperfeito:
defeito meu de querer o mundo todo em mim como eu quero
(e ele, muitas vezes, simplesmente, não preenche meu êxtase).

O produto que me restou da poética suada e arfante,
guardei, desarmando as barracas rasgadas,
voltei às ruas,
e, enquanto chovia,
resolvi devolvê-lo ao lugar donde não deveria ter saído,
profanado em meu território,
nem a mim, se imiscuído,
se não fosse para retornar,
no melhor modo mais colorido,
à rua em que alguém se assassinou junto à poesia...

... e saí à cata de outra prostituta mais lírica.





DESPEDIDA

Depois das amarras retiradas,
me vou da cama,
livre da camisa-de-vênus
que te prendia ao membro meu.





CONVENÇÕES PORNÔS

Bem medidas são a extensão e a largura
que minha amada, esquecida de outras medidas,
calcula com a mão que segura,
talvez, seu décimo sexto falo,
e, com doçura “pornô star”,
me eleva com secura.

Convencido, me farto com bravura,
e, embora me enganando,
lhe entalo com loucura.





DELINEAR-SE

Ontem,
eras plácida;
hoje,
flácida;
amanhã,
ácida.





MISSÃO

Vestido de cotidiano, anos a fio,
destilarei o meu rio caudaloso,
possuindo outras em outras camas,
sem falar o teu nome.

E perpetuarei nosso segredo
no silêncio das madrugadas mudas.





TEOREMA

Casa casa com cama,
cama casa com casa;
cama cessa, casa cai.





RECLAMO

Já te roubaram,
bem antes,
o corpo que te dei,
portanto
não me cubra tanto,
nem me goze com espanto.





COMPOSTELA

A menor distância entre nós
são dois corpos organizados
por um só ponto, nus, atados.





EVIDÊNCIA

Almoço
meu remorso.

Meu órgão,
reforço
para completar o teu,
mas não passo
de um consórcio
sem preço
nem prazo,
quando te comprazo.





PALATINO

Fabulosa é a mucosa
da foga gulosa
moça cor-de-rosa
que, nervosa,
(sempre lustrosa)
quase me tosa
a mata formosa,
ao engolir a gostosa
substância gelatinosa
que, em sua boca, goza.





CASTELO

Na cozinha, peixe, carne,
arroz, açúcares, cereais...
nossas refeições de ideais;

na sala, CD, DVD, TV,
sofá, tapete, estantes...
boas vindas aos visitantes;

no quarto, cama, lençóis,
maleiro, roupeiro, espelhos...
intimidades sem modelo;

na casa, vida repetida,
rotina, certeza esvaída,
amor refeito, sexo rarefeito.



PRELIMINARES

Deslizo meus dedos,
desfilo, em tuas ruas, meus anseios.

Despojado, sonhando o “dentro de ti”,
devaneio devasso por seres
as avenidas que deflorarei delicado,
debulhadas pelos meus pés
delirando pela misteriosa cidade
que aguarda meu passeio diuturno.





POÉROS

A mão do poeta é mágica
enquanto mensageira do verso;

as mãos dos amantes, tática
desenhando côncavo e convexo.





Tanto que faço para te encontrar,
faço para te segurar,
sensação,
nuvem que passa;

mas o tempo,
mais do que se faz,
é carne que se vai,
e, quando se jaz,
mais o tempo é mais.





PLENITUDE

Aninho-me em tua bacia,
(cacimba rodeada por montes),
floresta onde
ardo sedento.

Saboreio tua seiva,
degluto-me contigo,
perpetuo-me espesso,
te umidifico
e fico
contido
entre teus lábios,
de modo infinito,
enquanto fornico.





LOUCURA

Eu me amputarias todo
sem receio
de vermeio
bem no meio
de ti
e, creio,
engolirias,
com orgias,
se o resultado
fosse um degredado
pênis amputado.





Eu era barro,
porque não sabia
que carbono existia.

Era vazio,
porque o estio era homem
que precisa ser mortal
após receber a flor imortal
devoradora de estado sólido.

E, quando eu te amava menos,
tudo era mais sensível,
enquanto éramos carne mais visível.

Pelo menos,
era pra ser assim
quando tudo era harmônicos.



FANTASIA

Sobre um leito branco estendido sob ti,
com músculos, membro e massa,
estenderei poemas de Hilst
e, entre pérolas, pelos e pétalas,
perseguirei os instintos em riste,
à cata dos versos mais eróticos.

Catarei, estendendo meus dedos
pelas dobras do teu corpo,
orifícios, recessos, saliva, suco, suor:
sulcos úmidos onde cairei quase inerte após
e soletrarei o som de uma canção que ofega,
solfejada em mim como em quem se apega à fantasia
enquanto escravo da mesmice ou da mania
de construir organismo de argamassa sem cimento
e vê-lo, efêmero, sucumbir,
sabendo que viver
nada mais é que um lado hilário do existir,
em que nosso momento infinito é um orgasmo,
enquanto, pela língua, te suspendo em cada espasmo,
bolinando e te equilibrando pela ponta do clitóris.





SÍSTOLE

Tenho medo de uma morte súbita
(quase anunciada)
em cima de uma cama
de um cômodo de motel,
debruçado sobre uma mulher molhada,
sem a ciência de que eu não era imortal,
pelo menos, durante a eternidade fugaz
da ereção artificial que meu bolso me traz.





ponta no dedo,
ponta na língua,
ponta no medo;

dedo na ponta,
dedo na língua,
dedo no medo;

medo do dedo,
medo da língua,
medo do medo;

ponta no dedo,
na língua sem medo,
se mela falo mole;

mas a ponta do dedo,
lasciva, ela lambe,
levando-lhe o líquido;

lavam, as amígdalas,
larvas lépidas
que ela deglute,

lustra,
debulha,
degusta.



SÍNDROME

Não me deixaste cartões postais.
Tão-somente, só essa rotina que jaz,
a engolir dissabores nas cápsulas medicinais,
para eu não te esquecer jamais,
até que eu também alcance a paz,
que não sei se conseguiste em clímax,
para me deixar essas heranças virais.





VISCERAL

Tuas digitais,
conheço desde namorados;

tua escrita,
desde que me escreveste;

tuas mãos,
desde que me manipulaste;

tua necessidade,
desde o dia em que gemeste...

Conheço-te com o dorso da minha língua
na porta de tuas entranhas,
desde o dia em que te lambi.



FIO DENTAL

A bunda bem posta,
abundante, farta, exposta,
fonte de encanto e espanto,
provoca, tanto quanto nua,
a preencher o espelho,
ou rente aos meus pelos.





A ANATOMIA DA BUSCA

O corpo nu de uma mulher de costas
descansa belo sobre o macio
colchão que acolhe seu vultoso cio
e sua alma que levita e encosta
qual escultura a esconder a face
a marcar de leve com prazer a espuma
como se preciso fosse de algum disfarce
para esconder sua genital e suave pluma
que compõe do corpo o lado belo anterior.

Porém, mostrar do corpo o lado posterior
só lhe confirma o fino toque de beleza
e supremacia eternamente superior
da anatomia que lhe deu a natureza.

Suas espáduas esgrimem como espadas
seu cabelo negro a escorrer pelo dorso
ensaiando esconder a pele lisa e lapidada
do esculpido e incrível colosso.

Felizmente os fios tão longos não são
para que possam alcançar o planalto
que num ponto central do seu chão
entre os pés e da cabeça o alto
se eleva pujante, tenros, em pares montes
sólidos, torneados, reluzentes fontes
desejo forte a quaisquer amantes.





Ora são miragens de duas dunas arredondadas
ora suculentas bandas de almeçadas gelatinas
pulsando nas mãos de quem as quer desejadas
refletindo puro prazer no fundo das retinas.

E no meio delas corre uma vala
que se aprofunda e se pregueia
num ponto preto que embalao
o desejo ardente de quem tateia.





MEMÓRIA GUSTATIVA

Desde que aprendi, contigo,
a, com as papilas, lamber lábios,
misturo os teus no sabor daqueles,
ao me encravar entre coxas
e degustar, lavando, com saliva,
a carne de quem também me é cativa.





CACIMBA

Vai-se diluindo
ressequido fiapo:
sustentáculo fino,
orvalho turvo
equilibrado na ponta
da noite em que fiquei
pendurado em teu ventre.





ONAM

O mito
que espero que sejas
se lava, se acaba,
quando, em ti, despeja
meu rito de hipoclorito.





ARTIFICIAL

Minhas metáforas dormem comigo
e acordam cansadas de saber
que suas pernas não se abrirão para mim
ou, simplesmente, elas nem serão
se eu não desejar que sejam,
enquanto tiverem, das minhas mãos,
poder de tecer vaginas sem rostos.





DEVASSAR

Minha língua penteia
teus cabelos molhados,
pentelhos orvalhados,
lábios inchados
no dedo encarnado,
que, em riste, assiste
o meu pensamento,
que mora suspenso
(frequente e intenso)
entre a ponta do teu nariz
e os dedos dos teus pés.





CARNIFICINA

Quando eu percebi
que estava vivo,
pedi à minha amada:
— mate-me de novo!





Me afagas,
te afago,
tu ofegas.





SEXO TÂNTRICO

Mentes sãs,
corpos sãos:
cópulas sãs.





Quando, no silêncio inútil,
me ousou apossar do último
verbo do nosso prelúdio,
desejo a inquietação do teu refúgio
– outrora seco, agora úmido –
me devorando sem subterfúgio
o grito retido em boca, língua e nariz
– vertiginosa viagem à vertente do país –,
onde tu e teu corpo me explodis.





IMPRESSÕES

Quando eu era menino
sonhava escondido
te possuir como adulto.

Hoje homem crescido
queria te possuir como menino
na velhice dos meus sonhos.





JOSÉ DE SOUSA XAVIER, médico - cirurgião geral, formado também em Letras pela Universidade Norte do Paraná, casado, brasileiro, nasceu em Macau-RN em 04/08/1963 e reside em Natal-RN desde 1980. Neste mesmo ano, antes dos 17 anos, começou a se dedicar à literatura, sendo classificado em dois concursos de contos (2º colocado e menção honrosa) na ETFRN (atual IFRN), mas, por infelicidade e por um longo tempo afastado da literatura, perdeu todos os seus arquivos de poesias e contos. Só na metade de 2003 voltou a escrever. Nesse curto espaço, dividido entre a profissão e a literatura, tem participado de concursos literários locais, nacionais e internacionais, conseguindo resultados expressivos. Tem trabalhos publicados em várias antologias nacionais. Muitos deles estão presentes nos primeiro, segundo, terceiro e quarto livros solos de poesias: "Assim é o cotidiano", "Facetando a ausência", "A Anatomia passa, A Poesia Traspassa" e "Acme". É membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN, embora esteja ausente há alguns anos.







ESTE LIVRO FOI IMPRESSO NA CIDADE DO RIO DE
JANEIRO EM NOVENBRO DE 2009 PELA IMPRINTA
EXPRESS PARA QUÁRTICA EDITORA EM SISTEMA
DIGITAL DE CAPA E MIOLO.

